

Romantismo e modernidade filosófica em *Notas do Subsolo* de Dostoiévski

Marina Coelho Santos¹

Resumo

O objetivo geral deste artigo é, partindo da obra *Notas do subsolo* de Dostoiévski, desdobrar alguns pontos da problemática filosófica que o personagem-narrador nos apresenta, tal como seus traços românticos em confronto e negação com o racionalismo utilitarista emergente na Rússia das novas gerações (1860). Bem como apresentaremos alguns aspectos do porquê do homem do subsolo, com sua consciência hipertrofiada, estar maculado pelas cisões e fragmentações da modernidade. Pois, do mesmo modo que nega seu tempo, ele padece do mesmo e vive no subsolo lidando com suas contradições teóricas entre liberdade, poder, razão, vontade e impotência; ante uma realidade racional, niilista e cindida que, em sua consciência, parece não apresentar mais uma possibilidade de redenção.

Palavras-chave: Notas do subsolo. Romantismo. Modernidade. Dostoiévski. Racionalismo.

Abstract

The general objective of this article is unfold some philosophical problems introduced by the narrator-character as his romantic features confronting and denying the utilitarian rationalism from Russian 1860's new generations. As well as we will introduce some aspects of why the underground man with his hypertrophied consciousness would be spotted by the divisions and fragmentations of modernity. As the same way he denies his time he suffers of it and lives on the underground dealing with his owns theoretical contradictions between freedom, power, reason, will and impotence. In view of a racional reality, nihilist and divided witch in his counsciousness seems not show any possibility of redemption.

Keywords: Notes from underground. Romanticism. Modernity. Dostoiévski. Rationalism.

¹ Graduada em filosofia (2017) pela UFSC e, atualmente, cursa mestrado em filosofia pela mesma instituição, sendo financiada por bolsa CAPES de produtividade. Seus interesses estão vinculados às áreas de ontologia, filosofia contemporânea, filosofia alemã e filosofia da arte.

Notas do subsolo (1864) de Dostoiévski é um clássico da literatura moderna. Ou seja, uma obra que se perpetuou e ultrapassou o tempo e o espaço em que foi criada. O homem do subsolo, como bem diz Joseph Frank - principal biógrafo do autor -, é emblemático como um Quixote ou um Hamlet porque além de imergir fortemente no panorama de seu tempo, ele apresenta questões e leituras que transcendem a própria intenção do autor ao produzi-la. É inesgotável e, justamente, esse seu caráter de inesgotabilidade - muito próprio dos arquétipos que de forma expressiva a literatura nos traz a tona - é que engendra e, de certa forma, exige o diálogo com a filosofia.

Não é a toa que esta obra seja discutida e apropriada por autores como Nietzsche, Thomas Mann, Carl Jung, Sloterdijk, de diferentes formas e sob diferentes propósitos. Não é nosso objetivo aqui discutir acuradamente a pertinência dessas apropriações ou mapear contextual e biograficamente o sentido mais correto que Dostoiévski intentou ter dado a sua obra quando a concebeu. É claro que não se pode fugir da essência da obra e do pensamento do autor, aquilo que se mostra, seus fundamentos e aspectos mais claros como, por exemplo, em *Notas do subsolo*, o debate com os niilistas russos. Mas não se pode reduzi-la a uma certitude daquilo que especificamente a obra quis dizer somente no lugar do contexto social russo e na biografia de Dostoiévski.

Há uma *plurissonância* na obra que traz aspectos marcantes de questões filosóficas, influências literárias, posições metafísicas, que acaba sendo impossível ler a obra como apenas o que Dostoiévski, segundo Frank, teria planejado inicialmente. Ou seja, tomar a obra como uma sátira a primeira geração de niilistas russos. As questões que são levantadas no texto transcendem a especificidade de uma bem (ou mal) humorada contraposição ao egoísmo racional de Tchernichevski, por exemplo.

Notas do subsolo, igualmente, traz com o tempo uma diversidade de interpretações posteriores à obra, interpretações que já possuem uma outra bagagem capaz de dar novos sentidos à problemática do personagem. Todavia, o apontamento de aspectos marcantes na personalidade do homem do subsolo também nos leva a questões e movimentos filosóficos e intelectuais presentes no momento de Dostoiévski na literatura, assim o é com o tipo de romantismo que se mostra nesta obra, em especial no personagem.

São essas “vozes”, influências, ecos que gostaríamos de tratar no homem do subsolo, mais especificamente, sobre supostos traços românticos que ele carregaria. Como o romantismo é um movimento amplo, veremos apenas alguns aspectos que podemos extrair do nosso personagem que possam dialogar com o que consideramos ser, também, a mácula moderna - racionalista do homem do subsolo, ou seja, aquilo que faz com que ele esteja imerso em influxos iluminista-racionalistas e romântico-estéticos, próprios da modernidade. Pretende-se, portanto, mostrar sua imersão nos pressupostos de uma razão utilitária, instrumental, determinista, o absurdo a que converte sua vida ao viver no *pathos*, ou pateticamente, a ruminância dos argumentos racionalistas e sua posterior negação até às últimas consequências; são esses problemas que o levam a uma impotência de ação e à desintegração de seu próprio eu.

O homem do subsolo de Dostoiévski é, indiscutivelmente, fruto de uma polêmica com os chamados niilistas da geração de 1860 na Rússia. Os niilistas na visão de Pecoraro empreendiam “Uma rebelião contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade russa; um conflito entre gerações, valores, perspectivas; um furor iconoclasta que demole ídolos e antigas certezas, que renuncia à tradição em nome de uma outra visão de mundo, materialista e positivista” (PECORARO, 2006, p.23)

A primeira parte das *Notas* tem um forte embate com essa visão de mundo que, num primeiro momento, é esboçada por Tchernichevski com a tese do egoísmo racional. A doutrina consistia nas palavras do próprio homem do subsolo, numa premissa em que

(...) o homem só age mal porque não conhece seus verdadeiros interesses e que, se lhe dessem instrução, se lhe abrissem os olhos para seus interesses verdadeiros e normais, ele deixaria de agir de modo sórdido e imediatamente se tornaria bom e nobre, porque, sendo esclarecido e entendendo suas vantagens reais, veria justamente no bem a sua própria vantagem(...) (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 30)

Em suma, a Rússia pré-revolucionária incorporava ideais positivistas e um cientificismo matemático e determinista sobre teses da natureza humana, condizente com a concepção de racionalidade instrumental desenvolvida pelas filosofias da práxis do século XIX, que são herdeiras dos processos da modernidade esclarecida, amplamente tematizados na época da revolução francesa, “o triunfo prático da filosofia”, e seus ideais de progresso.

O tema do romantismo, entre diversas particularidades e nuances, surge, de certa forma, como uma contraposição aos temas do iluminismo, em geral, a racionalidade moderna e a metafísica cientificista, que acabam deixando de lado as questões do espírito, ou seja, do próprio homem e sua complexidade. Para Schiller: “Não se deve superestimar as atuais conquistas. O iluminismo e a ciência se mostraram apenas como uma cultura teórica para bárbaros por dentro. A razão pública ainda não tomou o âmago da pessoa (...)” (SAFRANSKI, 2010, p. 42)

O refluxo que provém do rebelar-se dos românticos, de diferentes formas, contra os pressupostos da razão esclarecida leva decididamente aos paradoxos e degenerações do homem moderno. Citamos Hannah Arendt acerca do romantismo: “O indivíduo moderno e seus intermináveis conflitos, sua incapacidade de sentir-se à vontade na sociedade ou de viver completamente fora dela, seus estados de espírito em constante mutação e o radical subjetivismo de sua vida emocional nasceram dessa rebelião do coração.” (*apud* DE ANDRADE. 2009. p. 118).

Sabemos que o romantismo alemão e o francês foram certamente apreciados pelos intelectuais Russos, dentre eles, Dostoiévski. Porém, o romantismo Russo, típico da geração de 1840, possuía também suas próprias características, descrito pelo homem do subsolo como uma certa polidez nos costumes, um oportunismo social, e a preservação dos ideais do belo e do sublime. O homem do subsolo, que não nega que seja fruto dessa geração que vive seus últimos dias, a saber a de 1840, não pode negar também que ele mesmo viva essa própria decadência no confronto com os novos ideais do progresso racionalista de maneira muito complexa e particular. O homem do subsolo, no entanto, satiriza esse aspecto “velhaco e espertalhão” do romântico russo quando o descreve: “As características do nosso romântico são: compreender tudo, ver tudo e, freqüentemente, enxergar muito mais claramente do que as nossas inteligências mais positivas; não se resignar diante de nada ou de ninguém (...)” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p.13)

Apesar do seu aspecto paradoxal, podemos identificar certamente no personagem aquilo que em sua personalidade radicalmente se opõe às novas ideias desse niilismo positivista russo das novas gerações como oriundo de uma educação intelectual, estética e literária. Acreditamos que esses aspectos de sua personalidade, ou da constituição do personagem, apresentam ecos de diversos aspectos gerais do

romantismo e não somente do romantismo de uma velha aristocracia de valores tradicionais e de supremacia econômica, que é o romantismo do contexto russo que o homem do subsolo também satiriza. Isso pode ser identificado na segunda parte do livro, em suas memórias em que o personagem mesmo se descreve.

Naquela época eu tinha apenas vinte e quatro anos. Já então minha vida era sombria e desordenada, eu era solitário como um bicho do mato. Não tinha amizades, até mesmo evitava falar com as pessoas, e cada vez me enfunava mais no meu canto. Durante o trabalho na repartição, procurava inclusive não olhar para ninguém e percebia nitidamente que meus colegas não só me consideravam excêntrico como também – assim me parecia constantemente – olhavam-me com uma certa repulsa” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 54)

Existe no homem do subsolo um apego a uma individualidade forte e um senso de superioridade por sua sensibilidade aguçada, uma a paixão pelo universo literário, sua “pose retirada dos livros”, a consciência de sua distinção “eu sou único e eles são todos”, e a sua inadequação a uma nova postura versada no social e no político que considera o homem do subsolo um homem supérfluo e inútil. Segundo Löwi e Sayre:

Certos românticos, e sobretudo neoromânticos, glorificam por certo seu próprio isolamento e o “eu” do artista e do indivíduo privilegiado: o indivíduo como herói. Cortado da comunidade real que o rodeia por sua própria incapacidade em integrar-se em uma coletividade “alienada” e pelo ostracismo praticado por essa coletividade em relação aos que não se curvam ao seu *ethos*, o indivíduo mal adaptado em ocasiões faz da necessidade uma virtude e celebra sua independência orgulhosa, sua falta de vínculos humanos.” (LOWI; SAYRE, 2008, p. 37 [tradução nossa])

O homem do subsolo mostra, de certa forma, o conflito da sociedade burguesa com certos valores defendidos pelo romantismo que dão vazão a criação de um novo herói literário, a saber, um indivíduo motivado por valores opostos ao de uma racionalidade instrumental e uma moral utilitária. Sabemos que o homem do subsolo não é um herói romântico da literatura como um *Werther*, a não ser em seus delírios de grandeza *manfredianos*, porém, a sua crítica em primeira instância guarda o conteúdo do romantismo, a crítica à frialdade matemático-racionalista, à coisificação do mundo, em virtude do culto a um indivíduo “superior” em questões de espírito em relação a grande mediocridade social.

Goethe² já pressentia que o predomínio de um pensamento prático se daria em detrimento das questões mais profundas do espírito e que a massificação social levaria a uma espécie de filisteísmo generalizado. De onde exclama o nosso personagem:

(...)já naquela época eu ficava admirado com a mesquinhez dos seus pensamentos, com as coisas idiotas com que se ocupavam, com seus jogos, suas conversas. Havia tantas coisas importantes que eles não entendiam, tantos assuntos empolgantes e apaixonantes que não despertavam o interesse deles, que sem querer eu comecei a me achar superior a eles. Não era uma vaidade despeitada que me levava a isso e, pelo amor de Deus, não me venham com aqueles chavões aborrecidos e nauseantes: “que eu ficava apenas sonhando, enquanto eles já entendiam a vida real”. Eles não entendiam nada da vida real e juro que era isso o que mais me revoltava neles. Ao contrário, a realidade mais evidente, que saltava aos olhos, era percebida por eles de maneira fantasticamente tola, e já naquela época tinham o hábito de curvar-se unicamente ao sucesso pessoal. (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 48)

A superioridade romântica do homem do subsolo não consegue de forma alguma se exteriorizar como um aspecto positivo de sua personalidade. Ao contrário, seu idealismo provindo de acumulações literárias - a única coisa que ele é capaz de respeitar - como via de escape de uma realidade desencantada e rude, provoca em nosso personagem uma espécie de necessidade de pôr-se a prova no mundo que sempre acaba na humilhação de seu ser espiritualmente superior, como ele diz. Ele define essa necessidade como uma “devassidãozinha,” uma sede histérica de contradições”.

Uma noite, ao passar diante de uma pequena taverna, vi pela janela iluminada uns senhores brigando perto do bilhar, batendo-se com os tacos, e depois vi um deles ser atirado pela janela. Se fosse em outra hora, teria sentido asco, mas estava num momento tal, que comecei a invejar o senhor que foi atirado pela janela, a tal ponto que entrei na taverna, na sala de bilhar. (...) Só Deus sabe o que eu não daria naquele momento por uma briga de verdade, mais correta, mais decente, mais, por assim dizer, literária! (DOSTOIÉVSKI, 2010, p.60-61)

² Cf. Safranski, 2010.

Logo que a fase de suas escapadelas pela realidade - que o enchem de asco e daqueles sentimentos contraditórios entre a tentativa de provar algo a respeito de si e a simples humilhação frente aos homens comuns - termina, o homem do subsolo nos revela sua característica mais romântica, a saber, a capacidade de se refugiar no belo e sublime, em embriaguez onírica, em momentos de arrebatamento estético, e uma expectativa de irromper no mundo como num horizonte pronto e alargado da atividade conveniente nobre a maravilhosa a que lhe cabia. E então surgir no mundo de forma nobre montado em um cavalo branco coroadado com louros, um herói *byroniano* que, no entanto, aparenta uma natureza dúbia:

Ou herói ou a lama, não havia meio-termo. Isso foi a minha perdição, porque, na lama, eu me consolava dizendo que em outras ocasiões eu era herói, e o herói encobria a sujeira: para uma pessoa comum, é vergonhoso sujar-se na lama, mas um herói está muito acima de tudo e não vai se sujar inteiramente, por isso ele pode sujar-se um pouco.” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 69)

Esse amor fantástico que o homem do subsolo nutre pelo belo e sublime é definido por ele como um luxo excessivo que não tem necessidade de aplicar-se a alguma coisa real. É expresso seu estado estético perante a realidade, o amor pelas formas potentes, belas e acabadas retiradas do universo poético e romanesco.

Tudo, aliás, terminava sempre da maneira mais satisfatória, com a passagem preguiçosa e inebriante para a arte, ou seja, para as belas formas da existência, inteiramente acabadas, fortemente roubadas dos poetas e romancistas e que se adaptam facilmente a toda sorte de serviços e exigências. Eu, por exemplo, triunfo sobre todo mundo. Todos, evidentemente, viraram pó e são obrigados a reconhecer espontaneamente as minhas perfeições, mas eu os perdôo. (DOSTOIÉVSKI, 2010, p.60)

A arte oferece o prazer intelectual voltado para uma sensibilidade mais acurada que desperta sentidos e impulsos próprios ao homem. Essa disposição pela e para a arte é abraçada pelo homem que se recusa a subordinar-se a uma racionalização fria do mundo nas relações conceituais e de utilidade, e que brada em meio a oscilações o capricho de se entregar a uma torrente de paixões ora sublimes, ora enlameadas até dar-se conta de seu completo isolamento. Löwi afirma:

Schiller, em suas Cartas sobre a educação estética do homem, aponta a criação de um “estado estético” para neutralizar a fragmentação e

alienação do homem moderno, e, segundo Novalis, “o mundo deve ser romantizado mediante uma potenciação da realidade trivial e habitual (LÖWI; SAYRE, 2008, p.34,[tradução nossa]).

O homem do subsolo possui tanto o impulso estético que condiz com o belo e o sublime de suas ideias e o sentimento de sua singularidade frente ao mundo, quanto a fragmentação de seu si mesmo, do homem moderno, que se vê como que incorporando os preceitos da utilidade, das relações causais, remoendo-as e negando-as desesperadamente. Há uma tentativa, por parte do personagem, de ser reconhecido numa sociedade que o considera um homenzinho inútil. O que acarreta a sua auto-humilhação em nome de valores que ele mesmo não sabe se acredita ou desacredita, retirados de sua personalidade literária, causando um profundo destoamento perante sua época.

O homem do subsolo se incomoda com a sua insignificância, a insignificância de um homem meramente teórico, perante os homens de ação, a saber, os niilistas russos, considerados por ele como homens obtusos e limitados. Ele acumula todo ressentimento de um *decadent* que rumina os fundamentos modernos - como o muro da resignação que ele compreende por leis da natureza, ciências naturais, matemática - e age por um certo capricho malicioso que podemos chamar de seu sadismo e masoquismo expresso. Essas duas características têm por efeito fazer com que o homem do subsolo sinta profundamente pela responsabilidade de suas ações tanto na volúpia masoquista - que ele agarra como uma extenuante capacidade de afecção e de deleite em suas contradições e em sua auto-humilhação ante a sociedade - quanto na sua perversidade sádica, exteriorizada como os delírios de grandeza de seu gênio ante a mediocridade social. Nesse sentido, esse movimento sado-masoquista expressa o que o homem do subsolo nos coloca como sendo a vontade caótica e carnal do homem, que se apresenta muito mais como destrutiva e não deliberada, em contraposição àquilo que parece justificado pela razão.

Precisamente pelo fato de que o homem, invariavelmente e em todo lugar, quem quer que ele seja, sempre gostou de fazer o que quis, e não como mandam a razão e o interesse próprio; ele, inclusive, pode querer algo contra seus próprios interesses, e às vezes até deve indubitavelmente querê-lo (isto já é idéia minha). Sua vontade livre, um capricho seu, mesmo que seja o capricho mais estranho, uma fantasia sua, exacerbada às vezes até a loucura – eis a vantagem que é omitida, a vantagem mais vantajosa, que não se submete a nenhuma

classificação e que manda para o diabo constantemente todos os sistemas e teorias. E de onde esses sabichões tiraram que o homem necessita não sei de que vontade normal, virtuosa? De onde partiu essa sua idéia de que o homem precisa ter obrigatoriamente uma vontade sensatamente vantajosa? O que o homem precisa é somente de uma vontade independente, custe ela o que custar e não importa aonde possa conduzir. Bom, essa vontade, o diabo conhece bem... (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 36)

É possível observar no homem do subsolo não apenas uma crítica romântica da sociedade, mas também uma crítica atual daquilo que chamamos de modernidade. No caso do homem do subsolo, como já foi discutido, há uma oposição clara à concepção do homem como uma tecla de piano, própria de Fourier, de niilistas e de socialistas utópicos, ou seja, uma crítica a ideia de que o homem existe para cumprir uma função na natureza e no todo social. O homem do subsolo nega essa concepção em virtude do sentido caótico da maior vantagem humana, a saber, a sua própria vontade, a embriaguez de seus próprios caprichos, que constitui propriamente a liberdade humana, segundo o personagem. O homem do subsolo se confronta com a concepção de homem que age de acordo com causas, motivos e preceitos racionais, ou seja, que o homem possa ser determinado e que se possa, com os instrumentos da ciência, encontrar fundamentos para o seu agir.

Repito, repito insistentemente: todos os indivíduos e homens de ação diretos são ativos precisamente porque são obtusos e limitados. Como isso se explica? Da seguinte maneira: em consequência de sua tacanhez, tomam os motivos mais próximos e secundários como se fossem os motivos originais e, assim, eles se convencem mais rápida e facilmente do que as outras pessoas de que encontraram um fundamento irrefutável para a sua causa, e então ficam tranquilos. Isso é o mais importante. Pois, para se começar a agir, é preciso que antes se esteja completamente calmo e totalmente livre de dúvidas. E como eu, por exemplo, me tranquilizaria? Onde estão os meus motivos originais, nos quais me apoiaria? Onde estão os fundamentos? De onde vou tirá-los? Faço uma ginástica mental e, em consequência, cada motivo original imediatamente arrasta atrás de si outro, ainda mais original, e vai por aí afora, até o infinito. Essa é precisamente a essência de toda consciência e reflexão. Portanto, novamente já estamos falando das leis da natureza. (DOSTOIÉVSKI, 2010, p.15)

Essa confrontação faz com que ele, um homem cindido, assimile também esses preceitos e, por ser uma consciência hipertrofiada, não consiga agir por não conseguir,

nessa ginástica mental, achar causas primeiras para isso. É interessante notar que a ausência de fundamento do agir, presente em *Notas do subsolo*, faz com que alguns autores como Kaufmann, em seu livro *Existencialism: From Dostoievski to Sartre*, coloque essa problemática apresentada no livro como um prenúncio de algumas ideias do existencialismo.

Porém, este não é o nosso ponto. Queremos endossar, para além dos racionalismos utilitários dos primeiros nihilistas russos, a faticidade da modernidade e o caráter pernicioso de seus pressupostos que atingem o homem do subsolo. Para isso, gostaria de mostrar um breve viés filosófico da modernidade e um exemplo de incorporação literária desse fenômeno que pode nos auxiliar a mostrar uma pertinência do personagem de notas do subsolo num certo *zeitgeist* moderno.

Weber, na sua *Ética protestante...*, afirma que a modernidade não apenas profanou a cultura ocidental, num sentido tradicional, mas também promoveu o desenvolvimento das sociedades modernas. A sociedade moderna - levando em conta todo o processo do iluminismo, da autonomização da razão, do desenvolvimento do modelo de produção capitalista e das teorias do conhecimento baseadas no saber possível que justificam as ciências e dão fundamento para o seu progresso - acabou guinando no século XIX ao utilitarismo e ao positivismo que, a esta altura, já estavam impregnados na cultura europeia.

O homem do subsolo situa-se numa rebelião romântica de negar os preceitos racionais que pretendem definir as relações entre homem e mundo. Porém, como mostramos, ao sofrer das premissas racionais de seu tempo ele se concebe como um indivíduo de consciência hipertrofiada. Essa hipertrofia nos remete a necessidade constante de uma auto-reflexão teórica, como ele o faz exaustivamente, e nos leva a crer se tratar de um indivíduo, apesar de toda sua crítica romântica, que pode-se designar como tipo moderno. Partindo de uma crítica sociológica, o homem do subsolo parece ser o tipo de homem produzido pela sociedade capitalista moderna.

O homem do subsolo, como vimos, incorpora os grilhões do racionalismo e se dilacera sob esses preceitos. Como uma forma de levar às últimas consequências as premissas do racionalismo, as noções de progresso, e a matematização da sociedade e, conseqüentemente, do homem, Dostoiévski nos apresenta uma metáfora arquitetônica. O palácio de cristal que aparece na obra de Tchernichévski e que, segundo Sloterdijk,

Dostoiévski teria vislumbrado em uma exposição de arte em visita a Londres. Tchernichévski acreditava que, após aplicarmos soluções técnicas para os problemas sociais, a humanidade viveria em um palácio de metal e vidro onde “sob um clima artificial” e pelas premissas do egoísmo racional e o conhecimento das verdadeiras vantagens humanas, o consenso e a convivência pacífica prevaleceriam na sociedade do futuro. De certa forma e segundo a interpretação de Sloterdijk acerca do homem do subsolo, a metáfora de Tchernichévski, na verdade, se realizou como pano de fundo da sociedade capitalista globalizada. A instituição da razão matematizada e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da sociedade capitalista moderna e pós-moderna tenderia a estabelecer o mundo como uma clausura em que o clima artificial da mecanização do mundo da vida impõe normas também as relações sociais. A medida que a relação com o outro muda, muda também a relação do indivíduo para consigo. Sloterdijk cita o termo de Arnold Gehlen e argumenta que no interior do palácio de cristal somente a *cristalização* das relações humanas pode seguir-se. “A cristalização designa o plano de generalizar o tédio normativamente” (SLOTERDIJK, 2005, p. 3, [tradução nossa])

A razão e a edificação do palácio de cristal como a maior metáfora das pretensões positivistas e cientificistas leva à absorção dos indivíduos em um ambiente que todo pensamento pode ser calculado. Segundo Sloterdijk “Dostoiévski tem a firme convicção que a paz eterna do Palácio de cristal pode apenas levar à exposição psíquica de seus habitantes” (SLOTERDIJK, 2005, p. 3, [tradução nossa])

Essa exposição psíquica é o que Dostoiévski pinta em seu homem do subsolo e também em vários outros personagens de sua obra como um longo estudo da subjetividade humana, um estudo em que os ideais da modernidade são radicalizados para se confrontarem com aquilo em que, no plano do indivíduo, eles são incapazes de abarcar. Além disso, Dostoiévski leva seus personagens a defrontarem-se de forma radical com as consequências da dissolução da religião e com a vertigem perigosa de nos sentirmos à deriva moralmente. Com a queda do homem em um mundo progressivamente mais frio e sombrio, Dostoiévski nos coloca cara a cara com o monstruoso e caótico daquilo que é humano e que se põe em questão em nossa época.

Por que este personagem de Dostoiévski não nos parece estranho na literatura da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX? Apesar dos diferentes temas de diferentes poetas e romancistas desse período, o homem do subsolo

parece trazer a tona um arquétipo moderno que pode ser visto também, apesar das grandes divergências temáticas, no primeiro lírico que utilizou a palavra modernidade, Charles Baudelaire. Aqui não cabe uma comparação entre o poeta e o personagem ou entre Baudelaire e Dostoiévski. Todavia, queremos apontar brevemente tonalidades e ideias recorrentes em Baudelaire para delinear também no plano vasto da literatura porque o homem do subsolo sofreria da mácula moderna. Não sabemos se Dostoiévski leu Baudelaire ou vice versa, porém o que vale a pena delinear é uma espécie de *Zeitgeist* que influi na literatura e nas artes sobre o tema do indivíduo na modernidade. Dostoiévski foi um grande explorador da subjetividade como romancista, e Baudelaire, como lírico, não poderia deixar de externalizar excessivamente sua sensibilidade para com sua época.

Sabemos que durante toda a obra de Dostoiévski temas como a queda do homem, o cristianismo, o mau, a culpa, a degradação foram recorrentes. Também em Baudelaire, que nasceu coincidentemente no mesmo ano de Dostoiévski (1821), encontramos a mácula da subjetividade moderna impregnada nas suas *Flores do mau*. Vejamos aquilo que compactua com o tipo de indivíduo que é concebido nas notas do subsolo. Segundo o autor de *Estrutura da lírica moderna*, Hugo Friedrich, Baudelaire

É um homem completamente curvado sobre si mesmo. (...). Ele fala em seus versos de si mesmo, na medida em que se sabe vítima da modernidade. Esta pesa sobre ele como uma excomunhão. Baudelaire disse, com bastante frequência, que seu sofrimento não era apenas o seu...” (FRIEDRICH, 1995, p. 1031)

Ainda com Friedrich “[Baudelaire] com uma solidez metódica e tenaz mede em si mesmo todas as fases que surgem sob a coação da modernidade: a angústia, a impossibilidade de evasão, o ruir frente a idealidade ardentemente querida mas que se recolhe no vazio”. (FRIEDRICH, 1995, p. 1031 - colchetes nossos).

Como mostramos, ao pôr em evidência a personalidade do homem do subsolo, ele mesmo apresenta esses traços. Traços que encontramos na poética de Baudelaire como o “vôo febril à irrealidade”, a paralisia, a morbidez, e principalmente os “mórbidos jogos de excitação”, as “devassidãozinhas” do homem do subsolo que em sua penúria existencial o colocam em contato com a realidade na forma da luxúria sádica e da auto-humilhação. Baudelaire também herdou traços do romantismo que,

transfigurados, colocaram essa temática sob a frialdade da experiência moderna. O homem do subsolo possui ideais românticos que não encontram realidade na sociedade moderna, o que faz com que, na ânsia de preservar a superioridade do espírito, sofra a dureza da modernidade com a paradoxalidade das culpas, desilusões, com a perversão do espírito.

Baudelaire define o progresso e o materialismo como “atrofia do espírito” e acaba experienciando o que ele define como a experiência do homem em geral, a dilaceração “entre o êxtase e a queda”. Também ocorre um movimento parecido com nosso homem do subsolo, ele idealiza o “belo e o sublime” e depois “(...) a angústia cresce dentro de mim. Surgia uma sede histórica de contradições, de contrastes, e entregava-me então à devassidão.” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p. 60).

Além do trato com esses temas, igualmente encontramos em Baudelaire, um tema caro a Dostoiévski, a saber, a zombaria. Friedrich fala que Baudelaire gostava “do prazer aristocrático de desagradar (...) gosto apaixonado de oposição e um produto do ódio, saúda o fato de a poesia provocar um choque nervoso, vangloria-se de irritar o leitor e de que este não mais o compreendia.” (FRIEDRICH, 1995, p. 1037). Desde o início das *Notas* temos essa mesma impressão. O choque nervoso com seus paradoxos, a bufonaria, o prazer em negar e contrariar. Características que se manifestam com mais veemência quando ele trata, na segunda parte do livro, de seu encontro com velhos colegas de estudo.

Para concluir essa nossa comparação acerca do arquétipo de indivíduo moderno citamos aquilo que condiz perfeitamente com a temática do homem do subsolo. Friedrich sobre Baudelaire: “ Segundo outra palavra-chave, o homem é hiperbólico, sempre propenso para o alto numa febre espiritual. Mas é um homem essencialmente cindido, homo duplex, tem de satisfazer seu polo satânico para ir ao encalço do celestial.” (FRIEDRICH, 1995, p. 1038) No caso de Baudelaire o celestial seria a fixação da eternidade e da beleza, que ele procura imprimir em sua lírica em contraste com as contradições e o tempo moderno. Uma busca que só teria êxito na consagração e na experiência estética.

No personagem de Dostoiévski, o homem do subsolo, aparece em sua última nota a figura da prostituta, muito idealizada na modernidade, ao mesmo tempo que o autor nos remonta ao tema romântico e cristão da redenção pelo amor. A redenção, no

entanto, não acontece com o homem do subsolo, ele faz questão de manter os mesmos paradoxos e movimentos de idealidade, zombaria e devassidão que mostrou durante a obra inteira (um respiro de consistência?). Seus argumentos, seu sadismo expresso para com a prostituta, a não rendição perante um sentimento puro e o teorizar acerca de tudo que sente e aquilo que quer aparentar ser, não nos dão um desfecho reconciliador, apenas nos mostra mais enfaticamente que o homem do subsolo com suas cisões desaprendeu a *vida viva*. As notas “(vão) produzir uma impressão muito desagradável, porque nós todos nos desacostumamos da vida, uns mais outros menos” (DOSTOIÉVSKI, 2010, p.148). Expressão essa que nos mostra ainda uma crítica atual de nossa sociedade e seu constante processo de reificação do homem. Dostoiévski nos mostra, nesse livro, o confronto de um homem de ideias românticos clássicos em relação a mentalidade positivista, naturalista, reinante que ao mesmo tempo que o engloba, gerando paradoxos e conflitos na personalidade do personagem, é submetida por ele a uma mordaz crítica em relação a seus princípios. Ao fim, parece que estamos lidando com uma crítica que não é meramente romântica, mas se faz de forma ressonante, sobretudo, bastante atual.

Bibliografia:

ALENCAR, M.C.F. Memórias do subsolo: O romantismo em Dostoiévski. In: *Revista Blecaute* Ano 5- N 15. 2013.

ANDRADE, P. D. Tese de doutorado PUC-RJ. *Estio do tempo: o amor entre arte e filosofia na origem do romantismo alemão* / Pedro Duarte de Andrade; orientador: Eduardo Jardim de Moraes. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, 2009.

BAUDELAIRE. C. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

DOSTOIÉVSKI, F. *Notas do Subsolo*. Trad. Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&pm, 2012.

FRANK J: *Nihilism and Notes from Underground*. The Sewanee Review. Vol. 69, No. 1, 1961, pp. 1-33.

FRIEDRICH, H. Estrutura da lírica moderna. Trad. Marise .M. Curiora e Dora. F. Da silva. In: *Charles Baudelaire, obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. Luiz Sérgio Repa, Rodney Nascimento. São paulo: Martins Fontes, 2000.

JONES, M. *Dostoyevsky: The Novel of Discord*. London: Paul Elek, 1976

LOWI, M. SAYRE, R. *Rebelión y melancolía. El romanticismo a contracorriente de la modernidad*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2008.

PECORARO, R. Tese de doutorado PUC-RJ. *Infirmas: Niilismo, nada, negação*. Orientador: Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, 2006.

SAFRANSKI, R. *Romantismo – uma questão alemã*. Trad.: Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade. 2010

SLOTERDIJK P. *The Crystal Palace*. Chapter 33. Disponível em: http://www.hevac-heritage.org/electronic_books/museums/1-crystal_palace.pdf

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013.